

Dizer o mundo, dizer a vida

Speak the world, talk about the life

Luana Silva Borges¹

 <https://orcid.org/0000-0003-1602-6048>

Resumo

Com base nas provocações de filósofos como Byung-Chul Han e Susan Sontag, e com forte inspiração benjaminiana, este texto busca compreender a contemporaneidade à luz do cansaço e do tempo enquanto categoria fragmentada e, cada vez mais, submetida à virtualização. As inferências teóricas aparecem mescladas ao relato da cronista: da pamonhada, na casa de infância, à cidade de Caçu, interior goiano com 14 mil habitantes; da sabedoria da tia-avó à projeção do futuro possível; esses são elementos que, neste texto de gênero fluido – ora ensaio, ora crônica –, estão presentes para “fazer sentir” o desenrolar da vida (com suas possibilidades narrativas) na atualidade. Ao final, em uma espécie de conclusão ignorante sobre a vida, a única certeza: o desfecho impossível – não se sabe a hora exata do fim; o que se tem, neste não saber, é a promessa da continuidade. Até quando?

Palavras-Chave: Narrativa; Contemporaneidade; Cansaço; Tempo Fragmentado.

Abstract

Based on the provocations of philosophers such as Byung-Chul Han and Susan Sontag, and strongly inspired by Benjaminian thought, this text seeks to understand contemporaneity in the light of fatigue and time as a fragmented category, increasingly subjected to virtualization. The theoretical inferences are intertwined with the essayist's report: from the “pamonhada” (typical food in central Brazil) at the childhood home to the town of Caçu, a small community in Goiás, with 14.000 inhabitants; from the wisdom of the great-aunt to the projection of a possible future. These elements, present in this fluid-genre text – sometimes an essay, sometimes an article – are used to “make feel” the unfolding of life (with its narrative possibilities) in the present. In the end, in a sort of ignorant conclusion about life, the only certainty is the impossible ending – one cannot know the exact time of the end; what is certain in this not-knowing is the promise of continuity. Until when?

Keywords: Narrative; Contemporaneity; Fatigue; Fragmented Time.

¹Luana Silva Borges é doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG), com tese sobre o romance de não-ficção e suas possibilidades para narrar a morte. Mestre em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG. Atualmente, é bolsista Funape, atuando como jornalista na Universidade Federal de Goiás. E-mail: lusilvaborges@gmail.com.

Introdução

O mundo não se diz.

Então eu devia me emudecer e dizer aos leitores apenas isso mesmo: o texto acabou, natimorto, o mundo é isso aí à frente, ao lado, embaixo e até dentro de cada um, de cada uma. É a cadeira vazia. A cadeira com gente. A passagem de gente. O tempo que muda. A telinha pequena. Os anúncios. A carteira sem notas. O virtual do dinheiro. A falta do dinheiro. O acúmulo do dinheiro. A criancinha no parque. O parque. O ferro do balanço. O minério. A mineração. As jazidas de ouro. Os campos desertos. O vento que chia. O ar que aponta para cima e que não acaba, ou que em breve acabará, o vasto céu, o fim do planeta, os outros planetas. O que conhecemos. O limite do que não conhecemos. O mistério. O mundo é o que se comeu ontem e hoje, o que está na tripa. Mas o mundo é também o desejo do amanhã: o cheiro que promete o novo alimento, que faz salivar o apetite quando o concreto – a comida? – é ainda ausente. O mundo é tudo que é. E o Ausente.

I

Eu disse o mundo. Agora o texto acabou. Em menos de dois minutos de leitura. E não sei o que fazer com o Tempo. Talvez seja sintomático, no mundo, exatamente isso mesmo: a nossa invenção do tempo. Ter de ganhá-lo, às vezes perdê-lo, torná-lo uma categoria fora de nós – a qual temos de conquistar; a qual vendemos; a qual, vez ou outra, rechaçamos, disfarçamos com *botox* no rosto. Ou com eufemismos na linguagem². Talvez o que seja sintomático mesmo: o mundo humano é a constante transformação de coisas concretas em elementos simbólicos, virtuais, complexos.

A madrugada; o solzinho fresco; a manhã; a coisa ficando quente, quente, quente, o sol no meio do céu; a tarde quente, quente, quente; vai amainando, amainando, amainando; do claro à sombra; da sombra ao alaranjado; do alaranjado ao rosado; segue a lua mansa; depois maior, maior; do rosado ao negro. Escuro. Lua no meio do céu.

E as coisas concretas – a passagem do dia – nos escapam:

Eu digo ‘sol’. Logo vem: ‘quente’ (e do quente figuramos – silenciosamente em nossas cabeças – o tédio, o sono depois do almoço, a tarde lenta, o trabalho por fazer... Vai saber a que imensidão o quente, nos trópicos brasileiros, responde). E se eu disser ‘sol’, no Alasca, qual será a imensidão de branco?

Eu digo ‘lua’. Logo vem: ‘mansa’ (e do manso figuramos – silenciosamente em nossas cabeças – a novelinha das nove, a criança comendo à mesa no colo da mãe, o banheiro com o Lorenzetti quente, o sofá já com o formato do corpo, o pijama puído, o amor ao lado com mãos bonitas).

² Sobre o botox no rosto e na linguagem, sugiro ver a referência em Eliane Brum – outra inspiração para este trecho do ensaio – em artigo intitulado Me chamem de velha. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chamem-de-velha-por-eliane-brum/>. Acesso em: 22 jul. 2024.

Eu digo ‘satélites’, ‘estrela’ e ‘planeta’ – do claro ao escuro. Concreto fenômeno celeste. E logo vem: o dia, 24 horas, 8 horas que nos pagam, 14 horas que vendemos, PJ, pessoa uberizada. A hora do lanche. Oito horas de sono – com sorte. Seis – de sempre. Quatro – ao menos.

Tudo: abstrações.

Nossa experiência do Mundo é paradoxal: aterrada e aluada ao mesmo tempo. Simplória a ponto de se dizer: o mundo é isso aí à frente, ao lado, embaixo e até dentro de cada um. Complexa a ponto de nos refundarmos, a nós mesmos, mais na Falta do que no que É. Mais na Fé do que no Verificável. Mais na Promessa do que no Feito. Mais no Porvir do que no Hoje. *Do desejo*, diria um dos títulos da poeta Hilda Hilst (2004)³.

II

Eu disse o Tempo. O dia que passou. E agora o texto *realmente* acabou. Preenchi um pouco mais o Tempo. Nossa, me cansei! Cansei-me de escrever. E não sei para onde vou agora. Talvez seja sintomático, no mundo, exatamente isso mesmo: a nossa invenção do Cansaço, intimamente relacionada com um Tempo cada vez mais Abstrato.

Antes plantávamos, com nossas próprias mãos, mandioca e milho. A tia Vanda, lá de Caçu, interior de Goiás com quase 14 mil habitantes, vê, precisamente, o pé da árvore crescer. Assim, o concreto do crescimento da planta liga-se à noção abstrata do tempo, isto é, ao calendário. Na época de Tia Vanda, na época em que o arranjo do tempo se ligava ao arranjo das colheitas, o desenrolar das coisas se dava sem interrupção, em um contínuo: plantava-se; esperava-se; havia de chover na hora certa; havia de fazer sol na hora certa; não se podia apressar o tempo, não se podia colher antes do fim.

– *Há hora pra tudo, fia.* – Até hoje uma tia de olhos azuis, com 80 anos de visões aqui e ali, me diz.

Tudo era caminho ao desfecho, ou seja, tudo consistia nos aprontos para a colheita. Assim era a orquestra do tempo. Um tempo religioso, diria o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2024)⁴:

A religião cristã é uma meta-narração que abrange cada canto da vida e a ancora no ser. O próprio tempo se torna narrativamente carregado. O calendário cristão faz com que cada dia pareça significativo. Na época pós-narrativa [a atualidade], este calendário é desnarrativizado e transformado em uma simples agenda esvaziada de significado. Os dias festivos religiosos são o ponto alto e de destaque de uma narração. Sem narração, não há festa, não há época festiva, não há sentimento de festividade na forma de um senso intensificado de ser, mas apenas trabalho e lazer, produção e consumo. Na época pós-narrativa, as festas são comercializadas como eventos e espetáculos. Também os rituais são práticas narrativas. Eles estão sempre inseridos em um contexto de narração. Como técnicas simbólicas de abrigo, eles transformam o ser-no-mundo em estar-em-casa. (Chul-Han, 2024, p.10-11).

³ “Quem és? Perguntei ao desejo. Respondeu: lava. Depois pó. Depois nada” (Hilst, 2004, n.p.).

⁴ No livro *A crise da narração*, de Byung Chul-Han, publicado pela Editora Vozes em 2024.

Na época narrativa de minha Tia Vanda – época do abrigo –, a fartura, quando havia, era celebrada com ritos, louvores ao pão, músicas que bendiziam a chuva certa, dias de santos – são muitos os santos que abençoavam isso e aquilo e aquilo outro.

O mesmo Byung-Chul Han (2024) sustenta um argumento que é, em parte, coincidente com as reflexões, feitas anos atrás, por Susan Sontag⁵ (2007). Só há narrativa se houver um desfecho. Narrar é contar para se chegar a um fim: o fim do conto, o fim do caso, o fim da piada, o fim do livro. Sontag (2007) pondera: o desfecho de uma história é conduzido por escolhas – vai-se por um caminho e não por outro. Trata-se, para se chegar ao final, de selecionar as ações que determinada personagem vai viver. Elegem-se umas, e não outras. Impossível contar tudo. E, no fim, a depender das escolhas do que foi relatado e do que foi suprimido – arte da narrativa –, chega-se a um momento derradeiro que vai matizar todos os caminhos⁶.

O fim é o vértice. Em geometria, um vértice é um ponto em que duas ou mais curvas, retas ou arestas se encontram. No fim, os caminhos vividos (pela personagem) se encontram no olho do leitor. E este sujeito que lê, só depois da última sílaba, só depois de uma vida – a da personagem – vivida, pensará algo como: “olhe isso! Que vida foi aquela! E os momentos em que ela se cruzou – ainda que na *imaginação* – com a minha, com o que sinto, hein?”. Para Sontag, só o fim conduz ao momento da reflexão⁷.

Mas o que isso tem a ver com a Tia Vanda? O que isso tem a ver com o arranjo da colheita? O que isso tem a ver com o Cansaço, depois que eu disse o Tempo? Ora, o tempo da Colheita Caçuense, o tempo dos Olhos Azuis que falam à sobrinha-neta, é pleno: é repleto de “fins”. A cada estação, um desfecho. A cada desfecho, um vértice que reúne em si todo o trajeto, que matiza em si uma nova sabedoria.

Se deu muito milho, é porque caíram tais e tais chuvas importantes. Se o milho é mais duro, mais mole, mais doce – há toda uma ciência –, tudo é a coroação do percurso. E há tempo para se refletir: antes da próxima chuva, na seca do Cerrado, Tia Vanda pensa o que mudar no arranjo. Há pausa. E há tempo para celebrar. A pamonha, aos goianos – e mesmo na metrópole Goiânia –, talvez seja a culinária que mais nos explica: ela concentra, no dentro da palha, o arranjo do Tempo dos Nossos Antepassados e Familiares. É comum a pamonhada em família: faz-se junto – fica-se ralando o milho por quase todo

⁵ No texto “O romancista e a discussão moral”, que compõe o livro *Ao mesmo tempo*, de Susan Sontag, publicado em 2007.

⁶ Nos dizeres da autora: o encerramento se transforma em “um ponto de convergência mágica para os cambiantes pontos de vista” matizados pelo(a) escritor(a) (Sontag, 2007, *e-book*, n.p).

⁷ Como eu disse em minha tese de doutorado, a partir do diálogo com S. Sontag: “é assim, pela tessitura amarrada – e não pela forma partida, fragmentariamente errática, propalada por pílulas informativas ou pela ideologia do hipertexto –, que o leitor se prepara para ver, *educando-se* por meio deste “modelo de completude”, de “profundidade sentida”, de “esclarecimento provocado pela história e por sua resolução” (BORGES apud SONTAG, 2022, p.49).

o dia; faz-se o copinho com a palha. E o milho tem de ser o certo. Nem muito mole ou branquinho. Nem duro demais ou amarelo forte. Atenção: o cabelo precisa estar grudado na espiga, por mais que seja difícil tirá-lo; se soltar facilmente, já passou do ponto. O fubá na pamonha é um ultraje vindo da falta de percepção temporal a que estão expostos os paulistas, com seus prédios que tapam a lua e o sol; que pressionam o céu (a passagem concreta do dia).

Esses momentos da pamonha – aqui ditos de memória – são profundamente narrativos: contam-se histórias e causos; pensa-se muito na morte da bezerra enquanto se cata o cabelo daquelas espigas. Pensa-se em conjunto, como se não se estivesse pensando. Pensar em conjunto é sempre pensar a sério. Prova disso? São exatamente esses momentos os retidos na memória.

E hoje?

Hoje eu escrevo este texto sem fim. Estranhamente sem fim, pois venho perdendo a finalidade da Colheita.

Pois o meu Tempo é por demais abstrato. Intelectual. Pouco aterrado.

Falo aqui sem ficção: escrevo este ensaio de fones de ouvido e fechada em meu trabalho, uma repartição pública. Ao meu lado, há divisórias que imitam paredes que podem ser mudadas para qualquer lugar a qualquer hora. A parede – essa de hoje – é um elemento espacial sem fundação, completamente móvel. Nos fones de ouvido, toca uma música clássica, pois não consigo mais o silêncio. E, ao fundo da música, meu WhatsApp – rede social constantemente ligada em meu computador – apita aceleradamente a cada dois ou três parágrafos que escrevo. Não posso desligá-lo, porque minhas demandas, as que pagam boletos, chegam por ali. A cada parágrafo sou instada à interrupção por parte do anseio de alguém. Um espaço sem Fundação, sem suas paredes. E também sem sol. Não há janelas.

A passagem do tempo, para mim, tem dois medidores possíveis: a hora na tela do PC, ou do smartphone, e o constante apito da rede social que alerta, que alerta e que alerta de novo – como se fosse impossível esperar. Um tempo sem continuidade: eu paro a todo momento. Um tempo sem seleção: escolho pouco e, como é impossível uma vida em que não se façam escolhas, toda seleção é feita como se houvesse uma perda irreparável, como se esta espécie de “eleitor” estivesse constantemente falindo, deixado de saber, deixado alguém na mão (esperando em uma das mil abas da tela).

Escrevo, enquanto falo com a mãe, enquanto olho o trânsito pelo satélite, enquanto respondo o comando do robô, enquanto procuro um livro, enquanto faço pesquisas no *Ifood* sobre qual será o meu almoço. Volto a dizer: não há paredes concretas. Já é o quinto dia em que abro este texto. Dou a ele as migalhas possíveis de tempo. E me culpo, porque cá estou, escrevendo, enquanto tenho de resolver as demandas do outro *job*.

Estamos neste tempo abstrato, sem Colheita Concreta: este texto o salvo na Nuvem. Estamos nas abas sem fim ofertadas pelo mercado de câmbio flutuante. Não há desfecho possível. Sintam: o texto em rede promete o infinito – nunca se chega ao fim do feed e ao fim dos Stories da plataforma Instagram,

porque eles são sempre atualizáveis. Você vê uma historieta de alguém, surgem mais seis. O espaço para a reflexão – o debulhar o milho, após colhê-lo – está mingüado.

Volto ao início: a nossa invenção do Cansaço está intimamente relacionada com um Tempo cada vez mais abstrato: o tempo de hoje. Mas...

– *Há hora pra tudo, fia.* – Quando eu disser essa frase à minha sobrinha-neta, aos meus 80 anos, possivelmente não estarei falando com a mesma *naturalidade*⁸ com que ela me foi dita em menina, vinda de minha Tia Vanda.

Não haverá nada de natural neste meu dizer: ele será abstrato. Abstrato como quem aprendeu, na base do artifício (do remédio, da meditação, da natação, do *mindfulness*), que a vida só é possível no tempo de cada um; como quem artificialmente aprendeu que a vida só é possível no tempo das coisas que existem fora do “eu” – tempo da natureza maior do que nós.

A natureza vem se excedendo em inundações e securas porque quer, de novo, concretizar um mundo que, forçosamente, foi transformado por nós em Abstrato. Nós o transformamos para não vê-lo; para vê-lo apenas em seus substitutos: seus gêmeos digitas, o capital, outras fantasias. Mas o mundo quer ser visto. E a natureza, ansiosa para se mostrar, explode.

Depois choramos.

III

Eu disse o Cansaço. Agora o texto acabou. Mesmo. Preenchi mais ainda o meu Tempo. Não sei para onde vou agora.

Meu Tempo está acabando? Não sei.

Não saber...

Talvez seja sintomático, no mundo, exatamente isso mesmo:

⁸ Ligada à terra.

Referências

Brum, Eliane. Me chamem de velha. **Revista Época**, 2012, 20 de fevereiro. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chamem-de-velha-por-eliane-brum/>. Acesso em: 22 jul. 2024.

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Trad. Daniel Guilhermino. Petrópolis (Brasil): Vozes, 2023. 133p.

HILST, Hilda. **Do desejo**. 1ª edição (e-book). São Paulo: Globo, 2004. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/do-desejo-hilda-hilst-pdf-free.html>. Acesso em: 23 jul. 2024. 196p.

SONTAG, Susan. Ao mesmo tempo: o romancista e a discussão moral. In: _____. **Ao mesmo tempo**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo (Brasil): Companhia das Letras, 2007. 162p.



Este artigo está disponível em acesso aberto sob a Licença Creative Commons Attribution, permitindo uso ilimitado, distribuição e reprodução em qualquer formato, desde que a obra original seja devidamente creditada.